

UM GRITO NO AR

Comunicação e Criminalização dos
Movimentos Sociais



Organizadoras

Elen Geraldes
Janara Sousa
Ruth Reis
Vanessa Negrini



Universidade de Brasília



Um grito no ar

Comunicação e Criminalização dos Movimentos Sociais

Organizadoras

Elen Cristina Geraldês | Ruth de Cássia dos Reis

Janara Kalline Leal Lopes de Sousa | Vanessa Negrini



Copyright © 2017 by FAC-UnB

Foto Capa Daniel Castellano (Gazeta do Povo)
Agradecimentos Ângela Alves Machado
Diagramação LaPCom
Apoio Lizely Borges



FACULDADE DE COMUNICAÇÃO DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – FAC-UNB

Endereço: Campus Universitário Darcy Ribeiro - Via L3 Norte, s/n - Asa Norte,
Brasília - DF, CEP: 70910-900, Telefone: (61) 3107-6627
E-mail: fac@unb.br

DIRETOR
Fernando Oliveira Paulino

VICE-DIRETORA
Liziane Guazina

CONSELHO EDITORIAL EXECUTIVO

Dácia Ibiapina, Elen Geraldes, Fernando Oliveira Paulino, Gustavo de Castro e
Silva, Janara Sousa, Liziane Guazina, Luiz Martins da Silva.

CONSELHO EDITORIAL CONSULTIVO (NACIONAL)

César Bolaño (UFS), Cíclia Peruzzo (UMES), Danilo Rothberg (Unesp), Edgard
Rebouças (UFES), Iluska Coutinho (UFJF), Raquel Paiva (UFRJ), Rogério Christofolletti
(UFSC).

CONSELHO EDITORIAL CONSULTIVO (INTERNACIONAL)

Delia Crovi (México), Deqiang Ji (China), Gabriel Kaplún (Uruguai), Gustavo
Cimadevilla (Argentina), Herman Wasserman (África do Sul), Kaarle Nordestreng
(Finlândia) e Madalena Oliveira (Portugal).

SECRETARIA EDITORIAL

Vanessa Negrini

Catálogo na Publicação (CIP)
Ficha catalográfica

S725m

Um grito no ar – Comunicação e Criminalização dos Movimentos Sociais /
organizadores, Elen Cristina Geraldes... [et al.] – 1. ed. – Brasília: FAC-UnB, 2017.
344 p.; 21,59x27,94cm.

ISBN 978-85-93078-24-8

1. Comunicação. 2. Movimentos sociais. I. Título.

CDD: 305.4

CDU: 305-055.2

DIREITOS CEDIDOS PARA ESTA EDIÇÃO PARA A FAC-UNB.
Permitida a reprodução desde que citada a fonte e os autores.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	7
ALEXANDRE MARCELO BUENO	9
MOVIMENTOS SOCIAIS E SEUS SIMULACROS	
ANA JÚLIA RIBEIRO	26
A MÍDIA QUER NOS COLOCAR PARA BAIXO	
ANINHO MUCUMDRAMO IRACHANDE	30
IDENTIDADE, REIVINDICAÇÕES E DIÁLOGO	
BEATRIZ VARGAS RAMOS GONÇALVES DE REZENDE	34
EM DEFESA DA REGULAÇÃO DA MÍDIA	
BRUNELA VINCENZI	47
PELAS NARRATIVAS DOS REFUGIADOS	
CARLA CERQUEIRA	52
MARCAS DA DITADURA EM PORTUGAL	
CAROLINE KRAUS LUVIZOTTO	59
LUTA ÁRDUA, PENOSA E DURADOURA	
CICILIA M.KROHLING PERUZZO	65
MOVIMENTOS POPULARES ENTRE A OMISSÃO, A SUPERFICIALIDADE OU A CRIMINALIZAÇÃO DA MÍDIA	
CLAUDIA SANTIAGO GIANNOTTI	71
SÍNDROME DO PENSAMENTO ÚNICO	
DÁRIO BOSSI	76
DIREITOS AMBIENTAIS SÃO DIREITOS HUMANOS	
DEOLINDA CARRIZO	90
A IMPORTÂNCIA DOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO DOS MOVIMENTOS SOCIAIS	
EDNA CALABREZ MARTINS	94
ENFRENTAMENTO DA INVISIBILIDADE DAS MULHERES	
ERIKA CAMPELO	108
DESCONSTRUÇÃO DOS ESTEREÓTIPOS SOBRE AS MINORIAS	
FRANCESCA GARGALLO	119
FEMINISMO COMO AÇÃO POLÍTICA	
FREI SERGIO ANTONIO GÖRGEN	134

TEMOS UMA CAUSA E NELA ESTÁ A NOSSA FORÇA	
GIOVANNI FELIPE ERNST FRIZZO	142
VALORIZAÇÃO DA IMPRENSA CONTRA-HEGEMÔNICA	
JOSÉ CARLOS DO NASCIMENTO GALIZA	150
CONVENCER A SOCIEDADE DE QUE NOSSAS PAUTAS SÃO VÁLIDAS	
JOSÉ VALDIR MISNEROVICZ	157
VALE A PENA LUTAR E SE ORGANIZAR	
KEILA SIMPSON	166
CIDADANIA DAS PESSOAS TRANS	
LAM MATOS	173
PRESSA DE VIVER DE FORMA DIGNA	
LYDIA ALPIZAR	179
DEFENDER AS DEFENSORAS DOS DIREITOS HUMANOS	
MÁRCIO ZONTA	193
EMANCIPAÇÃO DA CLASSE TRABALHADORA	
MARCOS WILLIAN CAMPOS DE OLIVEIRA	197
QUEBRANDO A BLINDAGEM DA MÍDIA TRADICIONAL	
MARIA EDUARDA DA ROCHA MOTA	206
TRABALHO DE BASE E SOCIALIZAÇÃO POLÍTICA	
MARIA LUCIA LOPES DA SILVA	217
RESISTÊNCIA AO PROJETO NEOLIBERAL	
MARINA POGGI	232
LA SOCIEDAD EN RED ACTUALIZA LOS MOVIMIENTOS SOCIALES E SUS LUCHAS	
MIGUEL STEDILE SOLANGE ENGELMANN IRIS PACHECO	242
COMUNICAÇÃO E ORGANICIDADE DO MST	
MÔNICA CUNHA	259
NÃO SE PODE MATAR NOSSOS FILHOS E NOS MANTER CALADAS	
OMAR CERRILLO GARNICA	265
ATIVISMO DIGITAL NO MÉXICO	
PRISCILA GAMA	272
AÇÕES AFIRMATIVAS CONTRA O RACISMO	
RAFAEL FORTES	277

AI DE QUEM QUEBRAR A VIDRAÇA DE UM BANCO	
RENATO JANINE RIBEIRO	288
A POLÍTICA PRECISA DE DIÁLOGO	
ROMERO JÚNIOR VENÂNCIO SILVA	298
A LIBERTAÇÃO DOS TRABALHADORES SERÁ PRÓPRIA DOS TRABALHADORES	
ROUSILEY CELI MOREIRA MAIA	305
DESAFIOS DOS ATIVISTAS EM AMBIENTES SOCIAIS INTERCONECTADOS	
TÂNIA CRISTINA CRUZ	311
HOJE É MAIS DIFÍCIL DILUIR OU VIOLENTAR DIREITOS POPULARES	
TÂNIA MARIA SILVEIRA	316
QUALQUER GRITO NO AR É UM INCENTIVO	
THIAGO APARECIDO TRINDADE	325
MOMENTO DE REARTICULAÇÃO E REAGRUPAMENTO DA ESQUERDA	
VAGNER FREITAS	337
SER VISÍVEL É QUESTÃO CENTRAL	
A CAPA	342
AS ORGANIZADORAS	343

“E aí está a grande tarefa humanista e histórica dos oprimidos – libertar-se a si e aos opressores. Estes, que oprimem, exploram e violentam, em razão de seu poder, não podem ter, neste poder, a força de libertação dos oprimidos nem de si mesmos. Só o poder que nasce da debilidade dos oprimidos será suficientemente forte para libertar a ambos”,

PAULO FREIRE (Pedagogia do Oprimido)

“Precisamos sempre assumir que o ambiente híbrido e interconectado incorpora múltiplas formas de comunicação em que os media tradicionais e as novas tecnologias coexistem e interagem entre si, sendo apropriados pelos movimentos sociais”

ROUSILEY CELI MOREIRA MAIA

Desafios dos ativistas em ambientes sociais interconectados

Janine de Kássia Rocha Bargas¹

Larissa Muniz²

Regiane Lucas Garcêz³

*Professora titular do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Rousiley C. M. Maia discute temas que abordam a interface entre comunicação e democracia, com foco em discussões sobre sociedade civil e esfera pública. Mestre e doutora em Ciência Política pela Universidade de Nottingham, Inglaterra, é autora de *Recognition and the Media* (Palgrave, 2014), *Deliberation, the Media and Political Talk* (Hampton Press, 2012), *Media e Deliberação* (FGV, 2008), *Comunicação e Democracia* (com Wilson Gomes, Paulus, 2008), tendo editado livros sobre esfera pública e associativismo cívico, internet e participação política no Brasil. É editora associada da *International Encyclopedia of Political Communication* (ICA, Wiley-*

¹ Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais, integrante dos Grupos de Pesquisa Mídia e Esfera Pública (EME/UFMG) e Comunicação, Política e Amazônia (COMPOA/UFGA). Mestra em Ciências Sociais e graduada em Comunicação Social pela UFGA. Atua em pesquisas sobre comunicação e política, reconhecimento, povos e comunidades tradicionais na Amazônia. E-mail: ninebargas@gmail.com

² Graduanda em Comunicação Social na Universidade Federal de Minas Gerais (DCS/UFMG), integrante do grupo de pesquisa Mídia e Esfera Pública (EME/UFMG). E-mail: larimuniz314@gmail.com

³ Professora Adjunta do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais, integrante do Grupo de Pesquisa Mídia e Esfera Pública (EME/UFMG). Atua em pesquisas sobre deliberação e reconhecimento, movimento surdo e representação não eleitoral. E-mail: regiane.lucas@gmail.com

Blackwell) e líder do Grupo de Pesquisa em Mídia e Esfera Pública da UFMG. Por sua expertise em teorias da democracia e da justiça, Rousiley Maia fala, a partir de um olhar teoricamente apurado, sobre movimentos sociais, seu papel na esfera pública e o lugar dos media na construção e consolidação da democracia.

Qual o papel dos Movimentos Sociais na atualidade?

De modo sintético, podemos conceituar um movimento social como uma rede de interação informal, baseada em crenças compartilhadas, cujos membros estabelecem solidariedade entre si e se mobilizam em torno de um tema polêmico. Os movimentos sociais lutam para buscar superar injustiças e empreendem ações direcionadas não só à esfera política, mas, também, à sociedade civil. Eles se utilizam não apenas de estratégias para alcançar suas metas, mas querem, também, que os cidadãos vejam as coisas de outro modo. Entretanto, para entendermos o que os movimentos sociais realmente são, nas suas particularidades, precisamos de um cuidadoso exame de como seus participantes se organizam e de como se relacionam com outros agentes sociais. Seria preciso observar como eles entendem a si próprios *em relação* aos outros, quais valores substantivos promovem e como lidam com os inevitáveis desacordos morais, em ambientes diversos. Isso inclui a comunicação com outros atores sociais no ambiente midiático e com amplas audiências.

A queda do muro de Berlim em 1989 e os acontecimentos que levaram à emergência ou à consolidação da democracia na América Latina, e em diversas partes do mundo, ajudaram a estabelecer o *status* de movimentos sociais e da ação coletiva como veículos fortes o suficiente para suplantar governos autoritários. O crescimento de Organizações Não Governamentais (ONGs) e redes cívicas com ações transnacionais, muitas delas sustentadas por especialistas e centros de pesquisas universitários, e com amplos aportes financeiros oriundos de fundações e de governos, renovou as atenções sobre o alcance e a eficácia política dos atores da sociedade civil.

A despeito disso, acredito que os Movimentos Sociais nem sempre possuem pressupostos democráticos. Por isso mencionei a necessidade de se pensar em cada um com a sua particularidade, a sua capacidade de pautar os temas na esfera pública e de dialogar com a sociedade.

Houve mudanças nos movimentos sociais nos últimos tempos?

Podemos pensar nas características que diferenciam os movimentos sociais atuais daqueles clássicos da década de 80, ligados, por exemplo, a classe trabalhadora. O primeiro aspecto que os diferencia diz respeito às diferentes formas de organização e de protestos que se utilizam da internet tanto para tornar visíveis suas causas quanto para se auto-organizarem. As formas de

organização não mais dependem de arranjos locais, de uma estrutura mais homogênea ou de ações centralizadas. As redes sociais online conferem a determinados movimentos um perfil mais difuso, com ações igualmente difusas.

O segundo aspecto diz respeito à atuação cada vez mais presente dos movimentos sociais nas esferas governo. Autores filiados à tradição da democracia participativa preocupam-se com novas formas de institucionalidade capazes de conferir um caráter formal às demandas oriundas dos atores civis e dos movimentos sociais. Buscam pensar em formas de se assegurar uma participação empoderada, concebida, sobretudo, como uma participação sustentada por incentivos institucionais e por proteções contra vulnerabilidades econômicas ou contra outros poderes coercitivos. Seria uma forma de expandir a esfera pública para que todos tenham voz, mas, também, em aperfeiçoar e imaginar desenhos institucionais, com especificações sobre quem exatamente deve deliberar, onde, quando e como. Nesse sentido, os movimentos sociais vêm ocupando as esferas institucionais brasileiras em algumas experiências participativas como os conselhos e as conferências setoriais.

Em terceiro lugar podemos pensar o quanto as tecnologias digitais modificaram dramaticamente as relações dos movimentos sociais com os profissionais dos media e com as audiências. Como uma série de estudos apontam, os públicos não são tratados como audiências passivas, mas, ao invés disso, como agentes que interagem ativamente com os ativistas, através de blogs, Facebook, Twitter, etc. Os públicos se engajam em discussões, reconfiguram e ressignificam criativamente as mensagens dos movimentos sociais e atuam eles próprios, em muitos casos, como ativistas em processos de mobilização e protesto. Pesquisas nessa área demonstram que a comunicação digital se torna mais personalizada e descentralizada.

Como os Movimentos Sociais são noticiados pela imprensa do seu país? Há criminalização no discurso midiático?

Em geral, os movimentos sociais possuem pouca capacidade de influenciar a cobertura dos *media* de massa. Há, frequentemente, complexas negociações entre os ativistas e os jornalistas sobre o que se torna notícia. Os padrões de reportagem sobre protestos geralmente se dão a partir da simplificação das demandas coletivas, da espetacularização ou da ridicularização das ações.

Devemos considerar, entretanto as várias iniciativas de comunicação que integram as ações dos movimentos sociais. Ativistas enviam *releases* aos jornais através; agem como fontes de matérias jornalísticas, através de interações face-a-face ou mediadas; criam e administram Websites ou páginas de Facebook; monitoram conteúdo comunicacional oriundo de fontes diversas. Esses agentes interagem, através de diferentes dispositivos, com representantes da esfera política institucional formal, com redes de movimentos sociais e com audiências diversas num contínuo de práticas políticas.

É preciso superar a visão de que os *media* de massa e a comunicação digital ou as modalidades alternativas dessas práticas estariam separadas. Precisamos sempre assumir que o ambiente híbrido e interconectado incorpora múltiplas formas de comunicação em que os *media* tradicionais e as novas tecnologias coexistem e interagem entre si, sendo apropriados pelos movimentos sociais.

De alguma forma a imprensa do seu país contribui para a construção de uma imagem estereotipada dos Movimentos Sociais?

Não questiono que os meios de comunicação de massa produzem representações banalizadoras e que constroem imagens estereotipadas dos movimentos. Entendo que os estereótipos negativos da mídia podem reforçar os padrões culturais, que se tornam naturalizados e influenciam a forma como as pessoas sentem, percebem, pensam e se comportam um com o outro. A mídia fortalece a hierarquia social e a exclusão e legitima as políticas que favorecem os grupos privilegiados.

Entretanto, nossos julgamentos avaliativos precisam ser sensíveis às condições e mudanças históricas progressivas das lutas atuais para o reconhecimento na sociedade. Por esta razão, é importante investigar as lutas de reconhecimento a partir de uma perspectiva de longo prazo no ambiente de mídia de massa. Na medida em que determinadas lutas ganham força em ambientes midiáticos diferentes daqueles tradicionais, tendem a reorganizar as formas de abordagem da imprensa tradicional. Precisamos observar também que, para produzir eventos notáveis, os movimentos sociais e os ativistas costumam mobilizar recursos onerosos e se adaptarem à lógica da mídia, o que implica um risco de espetacularização, além de colocar muita ênfase em públicos distantes em detrimento de atividades focadas em públicos relevantes.

Qual a importância da imprensa para os Movimentos Sociais e quais as estratégias de comunicação possíveis de serem adotadas para dialogar diretamente com a sociedade?

Assumimos que as ações estratégicas são cruciais não apenas para produzir visibilidade, mas, também, para configurar demandas públicas ou para promover as causas dos movimentos sociais. Seus integrantes se esforçam por construir razões públicas, explicações e justificativas para sustentar as suas demandas. Os *media* de massa, ao se dirigirem a uma audiência de amplo alcance, se apresentam como uma relevante oportunidade discursiva para os movimentos sociais. Entretanto, uma vasta literatura indica que os esforços dos ativistas permanecem, em grande medida, invisíveis.

Ainda que os ativistas busquem agressivamente a cobertura dos media, suas demandas tipicamente recebem pouca atenção de jornalistas de grandes empresas mediáticas. A saída que muitos estudiosos apontam seria a de que os ativistas precisariam planejar demonstrações ou criar táticas e dramatizações, a fim de adquirir valor-notícia e romper com a rotina dos eventos.

Há exemplos bem-sucedidos dessas estratégias empreendidas pelos Movimentos sociais para se aproximarem da imprensa e para fazerem frente as suas formas de abordagem?

Um caso famoso discutido pelo professor Doug McAdam no livro *Political Process and the Development of Black Insurgency, 1930-1970* discute o movimento norte-americano pelos direitos civis. A pesquisa aponta que o movimento utilizou certas “táticas” para “enquadrar” a ação midiática, atrair a atenção dos *media* e configurar a opinião pública, conquistando uma vitória contra os oficiais federais e os americanos segregacionistas do sul. As manifestações cívicas do movimento foram planejadas para ocorrer em cidades em que os segregacionistas eram mais radicais, altamente hostis às demandas por direitos civis dos negros. As manifestações realmente geraram repressões violentas em Birmingham (1963) e Selma (1965) e ganharam ampla noticiabilidade no país.

McAdam destaca que o movimento, ao promover uma “contestação de enquadramentos”, baseou-se no ideário de “temas familiares do cristianismo”, na “teoria democrática convencional” e na “filosofia da não-violência”. Segundo o autor, a mobilização do suporte público fez com que a questão racial passasse a ser percebida como o “problema mais importante” afetando o país. Consequentemente, isso provocou o rompimento da neutralidade do presidente em relação às questões de direito civil, conquistou o suporte da ala do sul no congresso e provocou o constrangimento das opções de controle social dos segregacionistas. O movimento norte-americano pelos direitos civis foi, assim, bem sucedido em sua tentativa de configurar a política pública e a ação do Estado.

Por outro lado, devemos mencionar casos famosos de ativismo digital, como o da Primavera árabe, os protestos gregos, os Indignados espanhóis e o Occupy Wall Street, que formaram redes por meio de diversos tipos de tecnologias digitais em todo o mundo. Em face da ditadura e das restrições impostas às condições para a democratização, os requerentes de vários movimentos da Primavera Árabe exigiram padrões genuínos e perspectivas de democratização, convocados em grande parte pela internet, além de buscarem a eliminação de outras obstruções relacionadas ao gênero e desigualdades políticas socioeconômicas.

Qual a agenda de pesquisa você vislumbra para os próximos anos para compreender as interfaces entre comunicação e os Movimentos Sociais?

Penso que cada vez mais devemos nos voltar para a análise da atuação dos movimentos sociais em ambientes midiáticos interconectados e que levem em conta vários recursos comunicativos. O provimento de razões não é linear, mas imbrica-se com vários recursos, como o cinismo, a ironia, o sarcasmo, o humor. Nos *posts* do Facebook, por exemplo, os argumentos baseiam-se em exemplos do dia a dia, com detalhes palpáveis acerca dos danos que a alta tarifa de ônibus causa na vida das pessoas, por exemplo, com explicações minuciosas sobre maneiras alternativas de custear a tarifa.

Essas observações sugerem que a comunicação dos ativistas, nessa rede digital interconectada de pessoas, busca desencadear a reflexão através do provimento de elementos cognitivos e emocionais para que a denúncia não seja vazia e nem a indignação difusa. Além disso, essa comunicação se volta não apenas para as redes sociais digitais, mas aciona várias plataformas digitais, jornalísticas ou não.

E aí está a grande tarefa humanista e histórica dos oprimidos – libertar-se a si e aos opressores. Estes, que oprimem, exploram e violentam, em razão de seu poder, não podem ter, neste poder, a força de libertação dos oprimidos nem de si mesmos. Só o poder que nasça da debilidade dos oprimidos será suficientemente forte para libertar a ambos,

PAULO FREIRE (Pedagogia do Oprimido)



Universidade de Brasília

